

A RELAÇÃO AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

THE RELATIONSHIP BETWEEN SELF-ESTEEM AND LEARNING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

LA RELACIÓN ENTRE LA AUTOESTIMA Y EL APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS

Márie dos Santos Ferreira¹

RESUMO: Os jovens e adultos que não concluíram a educação básica sentem na própria vida os efeitos da exclusão social. Frente a esse contexto, a educação de jovens e adultos (EJA) representa um caminho de possibilidades para que as pessoas possam reverter suas histórias de exclusão, agarrando-se a essa oportunidade de regresso aos estudos como um passo importante em prol da conquista e reconquista da própria dignidade, tanto em âmbito pessoal como social. O presente artigo tem como objetivo investigar e analisar a relação autoestima e aprendizagem na educação escolar dos discentes da EJA, respaldando-se prioritariamente na teoria sociointeracionista de Vygotsky, em busca de uma melhor elucidação dos elementos constitutivos da construção psicossocial da autoestima no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos. Reitera-se a importância da reflexão sobre o poder de uma educação orientada para o desenvolvimento de disposições cognitivas, reflexivas e críticas, assim como das habilidades emocionais dos educandos em prol da autonomia e do protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para que a educação escolar, por essa via, promova a autoestima, a dignidade pessoal e social dos seus educandos.

574

Palavras-chave: Autoestima. Aprendizagem. Desenvolvimento psicossocial. Discentes da EJA. Vygotsky.

ABSTRACT: Young people and adults who have not completed basic education feel the effects of social exclusion in their own lives. Faced with this context, youth and adult education (EJA) represents a path of possibilities for people to reverse their histories of exclusion, seizing this opportunity to return to study as an important step towards achieving and regaining their own dignity, both personally and socially. This article aims to investigate and analyze the relationship between self-esteem and learning in the school education of EJA students, based primarily on Vygotsky's socio-interactionist theory, in search of a better elucidation of the constitutive elements of the psychosocial construction of self-esteem in the teaching-learning process of young people and adults. We reiterate the importance of reflecting on the power of an education oriented towards the development of cognitive, reflective and critical dispositions, as well as the emotional skills of students in favor of the autonomy and protagonism of the subjects involved in the educational process, so that school education, in this way, promotes the self-esteem, personal and social dignity of its students.

Keywords: Self-esteem. Learning. Psychosocial development. EJA students. Vygotsky.

¹Doutorado em Psicologia Social (Universidad Argentina John F. Kennedy) Prof.^a de Filosofia da rede estadual de educação do Estado do Ceará. Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

RESUMEN: Los jóvenes y adultos que no han completado la educación básica sienten los efectos de la exclusión social en sus propias vidas. Frente a este contexto, la educación de jóvenes y adultos (EJA) representa un camino de posibilidades para que las personas reviertan sus historias de exclusión, aprovechando esta oportunidad de retomar los estudios como un paso importante para alcanzar y recuperar su propia dignidad, tanto personal como social. El objetivo de este artículo es investigar y analizar la relación entre autoestima y aprendizaje en la educación escolar de alumnos de EJA, basándonos principalmente en la teoría socio-interaccionista de Vygotsky, en busca de una mejor elucidación de los elementos constitutivos de la construcción psicosocial de la autoestima en el proceso de enseñanza-aprendizaje de jóvenes y adultos. Reiteramos la importancia de reflexionar sobre el poder de una educación orientada al desarrollo de las disposiciones cognitivas, reflexivas y críticas, así como de las habilidades emocionales de los alumnos en favor de la autonomía y protagonismo de los sujetos involucrados en el proceso educativo, para que la educación escolar, de esta forma, promueva la autoestima y la dignidad personal y social de sus alumnos.

Palabras clave: Autoestima. Aprendizaje. Desarrollo psicosocial. Alumnos de EJA. Vygotsky.

INTRODUÇÃO

A baixa escolaridade entre jovens e adultos tem sido um dos grandes problemas sociais que ainda fazem parte da realidade brasileira. Os jovens e adultos que não concluíram a educação básica sentem na própria vida os efeitos da exclusão social, seja no mercado de trabalho, seja nas dificuldades de interação social e de acesso aos direitos básicos do cidadão, tais como educação, moradia, saúde, saneamento, segurança, uma vez que o analfabetismo ou escasso letramento limita as condições para o conhecimento dos seus direitos e, conseqüentemente, para a luta a fim de conquistá-los.

575

Frente a esse contexto, a modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) representa um caminho de possibilidades para que as pessoas possam reverter suas histórias de exclusão, agarrando-se a essa oportunidade de regresso aos estudos como um passo importante em prol da conquista e reconquista da própria dignidade, tanto em âmbito pessoal como social, para que, assim, consigam resgatar sua autoestima, dizer sua própria palavra e escrever sua própria história de empoderamento social, como defende Paulo Freire².

O enfoque sobre a relação entre a autoestima e a aprendizagem na formação básica de jovens e adultos se apresenta neste artigo como um elemento fundamental para a eficácia do

² No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, Ernani Maria Fiori enfatiza de maneira brilhante que o objetivo principal da educação libertadora, proposta por Paulo Freire, é fazer com que o homem e a mulher aprendam a “dizer a sua palavra”, não repetindo, inconscientemente, a palavra do outro. Neste sentido, o ato de “dizer a sua palavra” representa um instrumento por meio do qual homens e mulheres se tornam sujeitos de sua história. O próprio Paulo Freire reconheceu, mais tarde, que o prefácio de Ernani Maria Fiori era “uma síntese extraordinária” de sua obra.

desempenho escolar desses alunos. Este estudo deu-se como parte relevante da tese doutoral em Psicologia Social, da autora deste artigo, intitulada: *La representación social de escuela para los alumnos de los Centros de Educación de Jóvenes y Adultos (CEJAs) de la ciudad de Fortaleza - Ceará, Brasil: una convergencia entre la educación escolar semipresencial y la búsqueda del rescate de la autoestima y del empoderamiento social*.

O presente artigo tem como objetivo investigar e analisar a relação autoestima e aprendizagem na educação escolar dos discentes da EJA, numa perspectiva sociocultural. Nesse intento, nos respaldamos prioritariamente na teoria sociointeracionista de Vygotsky, em busca de uma melhor elucidação dos elementos constitutivos da construção psicossocial da autoestima no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

AUTOESTIMA E MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

O conceito de autoestima está relacionado à identidade que o indivíduo tem de si mesmo, ou seja, à maneira como ele se percebe e se valoriza tanto no âmbito pessoal como social. Assim, a identidade do indivíduo se destaca como um importante constitutivo do ser humano por estabelecer sua forma de ser e se relacionar consigo mesmo e com a sociedade.

Moysés (2007, p. 18) destaca que “o sentimento de valor que acompanha a percepção que temos de nós próprios se constitui em nossa autoestima. Ou seja, ela é a resposta no plano afetivo de um processo originado no plano cognitivo.” Neste sentido, a autoestima deve ser assumida no processo educacional de jovens e adultos como um dos fatores fundamentais para a motivação e êxito da formação básica dos alunos jovens e adultos que retornam à escola.

Tomando como base o contexto existencial e o histórico escolar dos alunos da EJA, sabe-se que grande parte destes foi marcado por circunstâncias e violências de ordem econômica e familiar, por histórias de exclusão social, de insucesso escolar e até abandono dos estudos, ocasionado por dificuldades de aprendizagem, por preconceitos ou até por bullying, desencadeando assim uma realidade psicossocial de traumas e baixa autoestima.

Esse aluno ao retornar à escola traz consigo, portanto, uma autoimagem fragilizada marcada por sentimentos de insegurança e desvalorização pessoal que, na maioria das vezes, afetam o seu processo cognitivo. Sobre isto Alves (2012) ressalta que o fracasso escolar está intimamente ligado à desmotivação, por parte dos alunos, no que se refere à continuidade dos estudos.

Neste contexto, as reflexões e pesquisas sobre a pertinência do resgate da autoestima na educação escolar de jovens e adultos vêm se apresentando como um elemento de grande importância no processo de formação básica dos educandos desta modalidade de ensino, visto que a baixa autoestima tem sido verificada como uma característica predominante nesses alunos.

Frente a esta questão, o tema da autoestima na Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem ganhado um relevante espaço nas pesquisas acadêmicas voltadas para essa modalidade de ensino, pois traz à tona uma questão inerente aos alunos da EJA, que é a baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de abandono ou fracasso escolar.

Em uma investigação sobre o perfil do aluno jovem e adulto e de como a sua inserção na escola significa uma oportunidade para o resgate da sua autoestima, muitas vezes abalada por sua história de vida, Medeiros e Costa (2012) afirmam que dificilmente um aluno terá progresso em seu desempenho escolar se em seu processo educacional não for levado em consideração a sua autoestima, pois como afirma Chalita (2001, p. 134) “o grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada”.

Sobre a influência da autoestima dos discentes da EJA no processo de aprendizagem, Silva e Andrade (2015) destacam que a baixa autoestima dos alunos dessa modalidade de ensino tem sido um fator preponderante para a dificuldade de aprendizagem e de interação social. Elas ressaltam que a autoestima influencia no processo cognitivo, pois envolve aspectos fundamentais da subjetividade humana, tais como o autoconceito e os sentimentos do educando, e por isso mesmo não podem ser desconsiderados no desenvolvimento educacional.

Neste sentido, segundo as autoras, a autoestima do educando deve ser um elemento importante a ser considerado pelo professor na mediação didático-pedagógica, para que o aluno seja motivado a permanecer na escola e a participar mais ativamente do seu processo educacional, pois quando ele se sente discriminado o desestímulo o impede de progredir. No entanto, quando ele é valorizado por meio de práticas pedagógicas que estimulam seus saberes, habilidades e desenvolvimento cognitivo, sua autoestima cresce, a sua busca pelo conhecimento torna-se mais prazerosa e, conseqüentemente, a aprendizagem acontece com mais eficácia.

Compreende-se que o papel da educação escolar se configura com o objetivo de promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, visando ajudá-las a

constituírem-se como sujeitos emancipados, a melhorar sua capacidade de reflexão e ação, desenvolvendo competências fundamentais para viverem e agirem na sociedade e no mundo.

Saviani (1994) defende a imprescindível necessidade de pensarmos a “escola concreta” como um ponto de partida estratégico, uma vez que, a partir daí, pode-se iniciar um novo movimento: o de buscar compreender o meio em que o educando está inserido, seus desafios, seus anseios, suas contradições e seus limites. Ele também ressalta a importância de conhecer e analisar o contexto de vida dos alunos para, a partir do conhecimento de sua realidade, ajudá-los a desenvolverem competências que os habilitem à reflexão crítica do mundo em que estão inseridos, a se entenderem como parte de uma sociedade que pode ser transformada pela ação consciente dos cidadãos, não se acomodando e nem se omitindo às situações de exploração e injustiça social.

Para Chalita (2001) é imprescindível que a escola propicie não só a transmissão do saber científico, mas também o desenvolvimento das habilidades emocionais. Neste sentido, a questão da autoestima apresenta-se no processo educacional de jovens e adultos como um elemento importante a ser considerado no currículo escolar destes indivíduos que certamente carecem de atenção e de atitudes pedagógicas substanciais.

Antunes destaca que:

Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades necessárias para lidar com os seus estudos e se os julgamos suficientemente importantes para reservarmos tempo em ouvi-los, contribuiremos para que desenvolvam padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável (2003, p. 23-24).

Como afirma Martins (2001, p. 9), o processo de construção das identidades pessoais e grupais se dá ao longo de toda vida da pessoa, por meio de um sistema de relações sociais com o outro e com o mundo. Ao considerar a construção da autoestima no processo educacional, Santos (2003) evidencia que se deve considerar as relações interpessoais e os contextos socioeconômicos, culturais, familiares e escolares dos sujeitos neste processo, uma vez que tais fatores exercem variadas influências na trama educacional dos indivíduos, como defende a teoria de Vygotsky, conhecida como teoria sociointeracionista.

A AUTOESTIMA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA DE VYGOTSKY

A abordagem da categoria da autoestima, inserida no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos, se dá numa perspectiva sociocultural, remetendo ao pensamento de

Vygotsky (1896-1934). Em sua teoria sociointeracionista, também conhecida como teoria histórico-cultural, ele discorre sobre os elementos constitutivos da construção social da mente, da aprendizagem e da autoestima no processo educacional.

Fundamentando-se no materialismo dialético de origem marxista, Vygotsky (1998) desenvolve sua teoria da evolução do psiquismo. Ao abordar as etapas do desenvolvimento da estrutura psíquica do ser humano, desde a sua fase mais elementar, ele destaca os processos inferiores involuntários da ordem biológica até a sua fase mais complexa, denominadas por ele de função psicológica superior (FPS).

Segundo Vygotsky (1998), as estruturas psíquicas do ser humano evoluem do elementar ao superior através da interação social mediadas pela atividade prática do ser humano, tais como: o uso de instrumentos e a divisão social do trabalho, e pela relação com os elementos da cultura. Tal evolução psíquica é denominada por Vygotsky de Funções Psicológicas Superiores (FPS).

Vygotsky (2006) destaca, no entanto, que tal processo evolutivo não se dá de forma paralela ou sobreposta, mas como resultado de uma dialética rede de nexos e sínteses entre as funções psicológicas. Tal processo se dá na medida que novas e complexas combinações de funções elementares são formadas por meio do surgimento de sínteses complexas. Em função disso ele sustenta que não há como estudar as FPS a não ser pelo método dialético, conferindo a elas o marco do caráter histórico ligado ao comportamento humano.

579

Ao ressaltar a importância da mediação dos signos para a geração de conexões entre as diferentes FPS, ele afirma que o signo “é o próprio meio da união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não podem se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem” (VYGOTSKY, 2004, p.114).

Sua teoria parte da ideia de que o ser humano é um ser histórico-cultural, determinante e determinado nas interações sociais, cercado por atribuições de valores que influenciam o seu desenvolvimento pessoal no decorrer de sua vida. Assim, Vygotsky, (1996) postula a ideia de ser humano como um sujeito que se constrói na e pela interação com o contexto sócio-histórico do qual faz parte e que tal processo constitui-se como uma relação de mediação, em que homem e sociedade constroem-se dialeticamente.

Sobre a importância das emoções no desenvolvimento humano, Vygotsky (2004), formulou reflexões pertinentes rompendo com a visão dualista e cartesiana de sua época. Ele criticava a separação entre afeto e intelecto, considerando que as emoções são importantes

constituintes da consciência humana, presentes nos processos cognitivos de pensamento e entendimento. Em seus estudos Vygotsky postula a necessidade de resgatar a dialeticidade entre os fatores biológicos e culturais constitutivos das emoções, atrelando as condições histórico-sociais às suas possibilidades de desenvolvimento e transformação.

Nessa concepção, a autoestima não é uma característica dada ou inata ao ser humano, uma vez que ela surge das diferentes formas pelas quais se significam as situações vividas ao longo da vida. A autoestima representa, portanto, a valoração que o sujeito faz de si mesmo acerca do que acredita ser, através de uma apreensão construída nas relações que ele mantém com o meio social (VYGOTSKY, 1996).

Entre 1931 e 1933 Vygotsky redigiu preliminarmente o manuscrito intitulado *teoria das emoções*, que seria posteriormente transformado em livro.³ Nesta obra ele estabelece importantes fundamentos para uma nova concepção dos aspectos emocionais, sob a perspectiva histórico-cultural. Ele evidencia que, além de seu caráter histórico, as emoções e os sentimentos também dependem da maneira de viver em sociedade, da classe social em que o indivíduo se encontra e de sua educação.

No tocante à questão da aprendizagem, ele destaca que as relações complexas entre o cognitivo e o emotivo estão diretamente imbricadas com as normas e os valores culturais, ou seja, são determinadas socialmente (VYGOTSKY, 2004).

580

Ao conceber o homem como um ser eminentemente social, Vygotsky (1998) estabelece que a formação e o desenvolvimento do psiquismo humano se dão por meio de uma crescente apropriação dos modos de pensar, sentir e agir culturalmente elaborados. Esse contexto interativo, com suas significações, revela uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor, na qual o ser humano modifica o ambiente e o ambiente o modifica.

Ele evidencia que toda aprendizagem deve acontecer em conformidade com o contexto social em que o indivíduo está inserido. Em sua obra intitulada: *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*, Vygotsky (1996) afirma que o aprendizado começa muito antes dos alunos frequentarem a escola. E que qualquer situação de aprendizado com a qual o educando se defronte na escola encontrará sempre uma história prévia.

³ O manuscrito original foi publicado em 1933. A primeira edição em espanhol do livro *Teoría de las emociones. Estudio histórico-psicológico*, de Lev Semenovitch Vygotsky, foi publicada em 16 de janeiro de 2004 pela editora Ediciones Akal Sa.

Ele defende que a constituição das funções complexas do pensamento se dá intrinsecamente na interação social, onde o fator de maior peso é a linguagem, ou seja, a comunicação entre os seres humanos em suas diferentes formas e sinais. Vygotsky (1996) destaca, portanto, a linguagem como ferramenta essencial no desenvolvimento da mente, afirmando que a linguagem não é apenas um simples meio de comunicação, mas fundamentalmente um veículo de articulação do pensamento e, conseqüentemente de estímulo e construção do conhecimento.

Na teoria vygotskyana o conceito de mediação ou aprendizagem mediada apresenta-se também como um elemento chave para o desenvolvimento das chamadas funções psicológicas superiores (FPS), tais como: raciocínio, memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, planejamento, vontade, formação de conceitos e emoção, dentre outras. Segundo Vygotsky (1995), estas funções são desenvolvidas e ampliadas na relação entre o sujeito e o contexto sócio-histórico, no qual estão inseridos, por intermédio dos signos e dos instrumentos.

Ao considerar o pensamento e a linguagem como uma das FPS, Vygotsky (1996) destaca a importância destas na interação social. Segundo nosso autor, o que o sujeito pensa, interpreta e expressa é, dialeticamente, o que ele apreende de seu entorno e o fruto de sua atuação na construção do meio social em que está inserido. Ele defende que o nível de complexidade da linguagem vai impulsionando o desenvolvimento do pensamento. Cada estágio de desenvolvimento do significado das palavras representa um novo estágio de desenvolvimento na relação entre pensamento e linguagem.

581

Por meio desse processo dialético de desenvolvimento psicossocial, defendido por Vygotsky, é que o sujeito pode ampliar sua interação com o mundo e, assim, expandir as representações do meio ao seu redor, formando novos conceitos e desenvolvendo a consciência de si e da realidade. Daí a compreensão de que, por seu caráter histórico-social, o sujeito é produto e produtor de sua história (VYGOTSKY, 1998).

Nesse entendimento, considerando a eficácia do processo educacional de jovens e adultos, enfocamos aqui alguns conceitos importantes trazidos por Vygotsky relativos ao desenvolvimento psicossocial do ser humano, no processo de ensino-aprendizagem, tais como: sentido e consciência, emoção e afetividade.

SENTIDO E CONSCIÊNCIA

Em seu livro *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky (1998) salienta que o sentido de uma palavra é construído por uma complexidade de aspectos psicológicos que fazem tal palavra emergir na consciência do ser humano. Assim, a compreensão dos sentidos atribuídos a algo passa pelas percepções singulares e pela compreensão de suas motivações. Ele afirma que “para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras, temos de compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente, também é preciso que conheçamos a sua motivação” (1998, p.188).

Sobre a consciência, Vygotsky (1998) a destaca como a maior e mais importante função psíquica, uma vez que é através dela que o ser humano é capaz de conhecer a si mesmo, ao outro e ao meio social, percebendo seus significados e sentidos e dando-lhes novos contornos. Pela consciência de sua ação, de seu objetivo e de seu percurso o ser humano torna-se capaz de estabelecer novos nexos de entendimento, emancipando-se como sujeito ativo que cria e transforma sua realidade.

Segundo o autor, só atingimos a compreensão do nosso eu e do outro se tivermos consciência da motivação contida nos sentidos do que é pensado e dito. Sobre isto ele afirma em sua obra sobre a teoria das emoções que “a verdadeira compreensão consiste em penetrar os motivos do interlocutor” (VYGOTSKY, 2004, p.184). Ele também destaca que uma outra forma do ser humano tomar consciência dos afetos, dos sentidos e significados das ações e dos sujeitos é pela arte (VYGOTSKY, 2001).

582

EMOÇÃO E AFETIVIDADE

A categoria da emoção, como aspecto constitutivo do ser humano e fundamental ao seu desenvolvimento, encontra-se mencionada em grande parte da obra de Vygotsky, atrelada a outros conceitos. Sawaia (2000) afirma que a categoria da emoção ocupa um lugar de alicerce na obra de Vygotsky, passando pela crítica que ele faz ao dualismo e ao reducionismo das teorias dominantes na Psicologia da época que não permitiam analisar o ser humano em seu processo de interação psicossocial. Sobre isso Sawaia (2000, p.3) afirma que:

É preciso ter claro que, ao teorizar sobre emoção, ele não está preocupado em aprimorar um conceito do psiquismo ou em conhecer formas para controlá-la, mas em rever a metodologia e superar a epistemologia dualista da Psicologia, que separa mente de corpo e intelecto de emoção. Este objetivo está bem explicitado nos textos *Significado Histórico da Crise da Psicologia*, de 1927 e *Psicologia da Arte*, de 1925.

Neste sentido, as emoções se apresentam na obra de Vygotsky com o claro objetivo de provocar uma revolução ontológica e epistemológica na Psicologia da época, criando uma Psicologia Geral dialética capaz de superar as cisões provocadas pelas teorias dominantes de então. Sawaia (2000, p. 4) destaca que “este objetivo explica por que suas reflexões sobre emoção estão espalhadas em toda sua obra. Elas compõem o subtexto de suas reflexões mais importantes como: significado, educação, linguagem, pedologia e defectologia.”

Segundo Sawaia (2000), em Vygotsky a afetividade é definida como uma capacidade humana de transformar os instintos em algo socialmente mediado pelos signos sociais, trazendo-os ao nível da consciência por meio da mediação da cultura. A emoção, por sua vez, é definida como um afeto imediato, momentâneo e específico, enquanto o sentimento traduz uma emoção mais abrangente e de longa duração.

Para Souza e Andrada (2013), Vygotsky destaca o grau de importância da afetividade na constituição do ser humano ao descrevê-lo como um ser biopsicossocial, constituído por corpo, afeto, cognição e vivência social de forma indissociável, sendo cada um desses aspectos causa e efeito, produto e produtor um do outro, justificando, assim, o imprescindível uso do método dialético para uma justa compreensão do psiquismo.

PROCESSO DE INTERAÇÃO SOCIAL E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EJA

583

Tendo em conta a importância da motivação e da autoestima no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos, frente ao contexto de exclusão social e educacional vivenciados por esses alunos, considera-se fundamental a compreensão de que a escola não pode ficar indiferente aos saberes espontâneos dos indivíduos ainda não alfabetizados ou com pouca escolaridade, pois estes trazem em sua vida conhecimentos prévios, construídos nas relações sociais. Tais saberes constituem expressiva relevância, pelo seu cunho político, social e pedagógico, oportunizando condições de desenvolvimento e aprendizagem significativa através de interações estabelecidas entre o indivíduo e o contexto pedagógico escolar.

Como defendia Paulo Freire (2002), a educação de jovens e adultos constitui um saber mútuo, onde docentes e alunos são beneficiados com a troca de saberes. Por isso ele afirmava que “não há docência sem discência, pois as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de um objeto, um do outro” (p. 25). Nesse

entendimento, o fazer pedagógico a ser desenvolvido na EJA deve considerar os saberes prévios e as experiências dos alunos no processo de aprendizagem dos conhecimentos sistematizados.

Ao conceber o sujeito como um ser que se forma no processo de interação social, Vygotsky destaca que o aprendizado se dá do social para o individual, uma vez que o contexto de vida é um dos principais influenciadores do modo como as pessoas se percebem e percebem o mundo. Em função disso, a escolarização precisa partir do que é significativo para o educando, de forma que o conhecimento proposto no currículo escolar oportunize a reflexão crítica e consciente de como pensar e agir no mundo (BOCK et al., 2001).

Vygotsky (1998) considera que todas as condições sociais, linguísticas, materiais, intelectuais, emocionais, entre outras dimensões, são possibilidades e embriões da aprendizagem. Assim, para que haja aprendizagens significativas na EJA é necessário a interação simultânea entre os processos linguístico, cognitivo e emocional. Neste sentido, a teoria vygotskyana indica a mediação dialética como fator fundamental nas relações de ensino-aprendizagem, propondo práticas educativas condizentes com a formação cidadã dos educandos, em prol da melhoria de sua interação social.

Assim, com relação ao processo de aprendizagem, os conceitos de desenvolvimento e ensino, sempre se mostraram relevantes na teoria e nos escritos de Vygotsky. Para ele o entendimento da intrínseca relação entre instrução escolar e desenvolvimento cognitivo é um dos passos para se adentrar ao cerne da questão desenvolvimental (Vygotsky, 1998).

Ele destaca a relevância da aprendizagem escolar como instrumento de mediação para o acesso a novos conhecimentos de ordem científica, que, de alguma forma, extrapolam os conceitos espontâneos da vivência cotidiana, viabilizando a compreensão dos processos mentais dos educandos.

Vygotsky defende, portanto, que é pela mediação do saber veiculado na escola, que o indivíduo tem a oportunidade de desenvolver as funções psicológicas superiores, para a aquisição de novos conhecimentos, como instrumentos de atuação e transformação de seu meio social (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e abordagens sobre os caminhos e descaminhos da autoestima em sua interação com a aprendizagem no ambiente escolar de jovens e adultos, mostram que tanto a autoestima influencia na aprendizagem escolar, quanto esta também incide sobre a autoestima,

de modo que ambas se apresentam como fenômenos próprios da interação social, construídos e reconstruídos nas relações estabelecidas no contexto escolar.

Os estudos sobre a fundamental relação entre autoestima e aprendizagem na ação pedagógica escolar com alunos da EJA têm demonstrado como resultado uma maior permanência dos discentes na escola e um melhor desempenho na aprendizagem. Tal fenômeno, enfatiza a necessidade de a escola reconhecer e valorizar a importância da autoestima do educando jovem e adulto no seu desenvolvimento educacional e psicossocial, considerando que a atividade educacional deve ser desenvolvida concomitantemente com a valorização e o estímulo emocional do aluno em prol da sua motivação e eficácia na aprendizagem.

Considerando que os alunos buscam a escola impulsionados pela esperança de um futuro digno, mesmo que muitas vezes com a autoestima fragilizada e se sentindo incapazes, é imprescindível que a escola lhes propicie não só a transmissão do saber científico, mas a compreensão e desenvolvimento de suas habilidades emocionais. É necessário que ela propicie aos educandos um ambiente agradável, acolhedor e afetuoso que possibilite a elevação da autoestima e o desenvolvimento de uma aprendizagem integral e eficaz.

Reitera-se, portanto, a importância da reflexão sobre o poder de uma educação orientada para o desenvolvimento de disposições cognitivas, reflexivas e críticas, assim como das habilidades emocionais dos educandos em prol da autonomia e do protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para que a educação escolar, por essa via, promova a dignidade pessoal e social dos seus educandos.

585

Neste sentido, refletir sobre o resgate da autoestima e pensá-la como um elemento importante no processo educacional de jovens e adultos que retornam à escola aponta para um dos principais objetivos da educação básica: a construção da consciência, tanto em seus aspectos cognitivos (apropriação crítica de conteúdos e operações) quanto afetivos e éticos. Essa, portanto, deve ser a mediação que a educação deve exercer para formar indivíduos capazes de apreenderem a si mesmos, à sua realidade e, assim, assumirem-se como sujeitos de transformação de tais dimensões.

A teoria de Vygotsky, neste sentido, parece ser revolucionária, pois explora e busca aquilo que o homem tem de melhor: sua criatividade, sua autonomia, sua condição de sujeito ativo e não de objeto a ser moldado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2023, 146p.
- BOCK, A. M. B., Gonçalves, M. G. M.; FURTADO, O. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001, 280p.
- CHALITA G. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001, 272p.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 144p.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 107p.
- MARTINS, L. M. Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores. (Tese de doutorado) - Universidade Estadual Paulista, 2001, 187p.
- MEDEIROS, M. K. M. R.; COSTA, E. M. D. A Autoestima de alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos. Revista Movimenta (ISSN 1984-4298), [S. l.], v. 5, n. 1, p. 119-133, 2018. Disponível em:
[//www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/7035](http://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/7035).
- MOYSÉS, L. A autoestima se constrói passo a passo. São Paulo: Papirus, 2007, 467p.
- SAWAIA, B. B. A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e seu diálogo com Espinosa. Anais da III Conferência de Pesquisa Sociocultural, 2000, p.1-25.
- SANTOS, S. L. S. A. Relembrando a trajetória de vida: uma forma de alcançar a articulação entre autoconceito, autoestima e desempenho docente. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003, 169p.
Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16453>
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 1994, 153p.
- SILVA, M.L.; ANDRADE, A. L. de A. Autoestima na Educação de jovens e adultos. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – UNIPAC, 2015, 12p. Disponível em:
<https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/393/377>
- SOUZA, V.L.T; ANDRADA, P. C. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. Estudos de Psicologia (Campinas), 2013, v. 30, n. 3, p. 355-365.
- VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas I: La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. Madrid: Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura y Ciencia, 1991, 153p.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Vysor Aprendizaje, 1995, 384p.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 244p.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 159p.

VIGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 496p.

VYGOTSKY, L. S. Psicologia da arte. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 198p.

VYGOTSKI, L. S. Teoria de las emociones: estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal, 2004, 264p.

VYGOTSKY, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. In L. S. VYGOTSKY. Teoria e método em psicologia, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b, p.103-135.

VIGOTSKI, L. S. Desarrollo de las funciones psíquicas superiores en la edad de transición. In L. S. VIGOTSKI. Obras escogidas IV: psicología infantil, 2º ed. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006, p.117-386.

VYGOTSKY, L.S. Construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2009, 212p.